

# O SILÊNCIO RUIDOSO DAS MULHERES

---

SILVIA NATÁLIA DE MELLO



PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru: Edusc, 2005.

**M**ichelle Perrot, historiadora francesa perspicaz, que busca nos interstícios dos acontecimentos o detalhe, o esquecido, o que está escondido à sombra e problematiza, torna visível sob outras lentes. No livro “As mulheres ou os silêncios da História”, lançado no Brasil em 2005 pela Editora Edusc, ela retoma a voz das mulheres francesas do século XIX e início do século XX – quando irrompem aos espaços públicos – e narra suas histórias, lutas, conquistas, sofrimentos e, principalmente, suas falas e seus silêncios.

Na edição brasileira, a capa é um convite a participar do processo histórico ao evidenciar a figura feminina que observa e se insere no espaço masculino, momento que marca a visibilidade das mulheres para a própria História. O título do livro produz uma reflexão e pontua a opção teórica de Michele Perrot – as mulheres e não somente a mulher, os silêncios e não somente o silêncio; a opção pela narrativa da diferença e visualização dos vários ângulos da trajetória histórica das mulheres com os micropoderes que a constituíram.

A escrita de Michele Perrot é envolvente, conduzindo-nos a momentos pontuais das mulheres na história francesa do século XIX e início do século XX, por meio de diversos artigos distribuídos em cinco partes, totalizando 23 capítulos. Utiliza-se de sua perspicácia logo na introdução do livro ao questionar “Silenciosas, as mulheres? -Mas elas são as únicas que escutamos”. Afinal, que falas femininas são essas que estão em todos os lugares e pouco se escutam? Susurros, cochichos, tagarelices, maledicências? Ou linhas de fugas que escoam, deslizam, fogem silenciosamente do controle de uma perspectiva masculina de história e, ruidosamente, se inserem nos espaços de uma história oficial?

O livro transita pelos subterfúgios de uma história não-oficial. Na primeira parte, intitulada “Traços”, a historiadora embrenha-se pelos traços privados das mulheres – cartas, fragmentos de diários, autobiografias – arquivos íntimos e silenciosos, fortuitas fontes que “reforçam, conseqüentemente, a desigualdade pela assimetria daquilo que iluminam” e circulam na esfera privada de vidas enclausuradas por representações de gênero. Os capítulos entre as práticas da memória feminina e as correspondências inéditas das três filhas de Marx.

A segunda parte – Mulheres no Trabalho – expõe a inserção feminina no espaço profissional do trabalho, nas fábricas ou na esfera do trabalho ligado ao que se intitulou “profissões de mulheres”.

Circunscreve a relação das mulheres com o trabalho e o universo das máquinas a elas destinadas – principalmente às de fiação, costura e datilografia – e nos faz perceber que “os setores em que elas entram são progressivamente desertados pelos homens que preferem reconstituir, em outros lugares, espaços masculinos intactos”.

Na terceira parte encontramos o imbricamento de Gênero e Cidade. A cidade como um espaço de intensidades, de micropoderes cambiantes, de agenciamentos em constante movimento. Um espaço de cidadania, mas qual e para quem? No debate desta terceira parte Michele Perrot busca em Hannah Arendt e Michel Foucault ferramentas contemporâneas de análise sobre “os poderes multiplicados no corpo social” da esfera pública da cidadania. Escuta as vozes das operárias, das aventureiras – viajantes, migrantes – das religiosas, das donas de casa, das revolucionárias à sombra de homens públicos, nas tribunas, no lavadouro, nas lojas, nas cozinhas, nas igrejas, nos prostíbulos, na legislação, nos regulamentos, nos códigos de boa conduta.

E desses lugares retoma – na quarta parte – a trajetória de duas figuras emblemáticas da história das mulheres: Flora Tristan e George Sand, pioneiras que quebram o silêncio imposto ao sexo feminino. Flora, pesquisadora e viajante, tem como prática de pesquisa o ver, escutar e o sentir, e, com sua inteligência, se insere no espaço reservado apenas ao masculino – o da política – enfrentando oposição “sobretudo na burguesia, notadamente entre a pequena burguesia intelectual que cobiça o poder e o identifica à masculinidade”. Sand, paradoxal nos conceitos, “filha da Revolução, da liberdade e do amor”, vive intensamente nos domínios reservados da política no “século XIX que aumentou ainda mais a separação entre o público e o privado, considerados como esferas equivalentes aos sexos”. Ousa escrever sobre esse tema e editar seus escritos em um momento da retomada do ideal da mulher francesa como esposa e mãe.

A última parte dos escritos – Debates – Michele Perrot reservou para relacionar discussões realizadas sobre as mulheres e retoma aspectos dos escritos nos livros “História das mulheres no Ocidente, da Antiguidade até nossos dias”, pesquisa organizada por ela e Georges Duby. Inicia o debate sobre a contribuição da guerra no aumento da tensão entre os sexos, pois, ao mesmo tempo em que provoca abertura dos espaços sociais às mulheres, o pós-guerra força

o seu retorno ao lar. Problematiza os termos – identidade, igualdade e diferença – sob o olhar da História e considera que “o vínculo entre estes três termos é, em suma, a noção de *Gender*, definido como construção social e cultural da diferença entre os sexos” e escolhe sutilmente deixar para o último capítulo o artigo que vincula Michel Foucault e a história das mulheres. Embora não tenha escrito especificamente sobre elas, sua teoria proporcionou ferramentas úteis à análise da representação ao pesquisar sobre o poder, o corpo sexual como alvo e veículo do biopoder, as estratégias de resistência ou as tecnologias de si.

Percorrer as páginas desse livro é um mergulho na própria história da representação das mulheres – e em consequência a dos homens – que provoca, instiga, desestabiliza e oportuniza a construção de novos olhares sob outra perspectiva. E como convite a sua leitura a pergunta de Michelle Perrot é pertinente “Vocês nos ouvem”?